



# O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjengeres

Emc B.1.2

ANO II — N. 35

Publica-se aos sábados

Rio de Janeiro 13 de julho de 1918

REDAÇÃO

RUA DO SENADO, 215-217  
Telefone — Central 1439

## O momento proletario

As necessidades da existencia, da existencia completa, vão cada vez mais se fazendo sentir entre os trabalhadores, entre os eternos propulsores das riquezas, que já hoje não se conformam com esse viver d'escravos, dezerdados de todo o bem-estar, roubados a toda a especie d'alegria, perdidos num constante labutar, para a felicidade social de cevandijas, incapazes de plantar um pé de milho ou tecer um pedaço de flanela.

A complexidade da existencia se vai acentuando e o proletario cria novas necessidades superiores aquellas conhecidas, que se cifravam na enxerga onde descansar as fadigas da jornada, e no pão duro e repugnante do alimento.

Essas necessidades, que os burguezes não compreendem se não pra si, surtem as disposições vigorosas para as lutas reivindicadoras, para as grandes batalhas de conquista da existencia, que caracteriza esse periodo em que os homens se despertam para as mais altas conquistas, confiantes em que a iniquidade social vidente, não ha de ser eterna e indestrutível. E o que mais caracteriza essa ancedida, são as grèves que ora se sucedem, em todas as classes obreiras, como protesto enérgico e decidido ás violencias patronais.

Já hoje a exploração capitalista não é couza que se suporte como consequencia irremediavel da existencia. Todos sentem a injustiça que vae na exploração do trabalho por essa classe de cevandijas repugnantes, para cujas mãos correm invariavelmente os resultados do esforço magnifico dos homens trabalhadores.

E manejando a unica arma que se lhes apresenta, a grève, os proletarios, se não conquistam grandes e apreciaveis melhorias economicas, si não encontram meios de fugir a exploração capitalista, sem embargos, demonstram claramente os altos propositos de vida dezaforada que os move, propositos que os poderão levar a muito mais...

E' assim, pois, bastante sintomatico esse periodo que ora atravessamos: periodo d'afflicções e miserias pavorozas, mas tambem de resurgimento d'enerjias admiraveis e anunciadoras de belos acontecimentos.

### NOSSO FESTIVAL

Com numeroza concurrencia realizou-se sabado passado o festival organizado em beneficio da publicação semanal d'O «Cosmopolita».

Folgamos em registar, juntamente com os nossos agradecimentos, o auspicioso esito alcançado pela iniciativa do Grupo Editor que vê muito justamente em tal facto a evidenciação da calorosa simpatia com que é encarada a obra a que consagramos.

## A GUERRA

Que a nossa especie esteja destinada a destruir-se entre si até chegar a um termino proximo ou remoto; que a guerra dure tanto como a humanidade, não prova — e a consideração do passado deixa crer o contrario — que a guerra seja uma das condições essenciais da vida.

Por mais que as primeiras épocas da raça humana se percam para nós na mais impenetravel obscuridade, não deixa de ser certo que os homens sempre foram belicozos. Viveram durante esses largos periodos a vida pastoril, cuja recordação subsiste somente em reduzido numero de palavras comuns a todos os idiomas indo-europeus, e que revelam costumes innocentes. Possuimos, assim, razões para crer que tais tranquillissimos seculos dos pastores, foram de uma duração mais larga que as épocas agricolas, industriais e comerciais, que apparecendo depois em consequencia dum progresso necessario, determinaram entre as tribus e os povos um estado de guerra pouco mais ou menos constante.

As armas foram o processo mais frequentemente usado para a conquista dos bens: escravos, mulheres, bestas, metais, tecidos e cereais. As guerras se fizeram primeiramente de povo para povo. Depois os vencidos uniram-se aos vencedores, constituindo uma nação, e as guerras foram de paiz contra paiz. Cada qual para conservar as riquezas adquiridas ou adquirir novas disputava aos povos vizinhos os logares mais tortos, os que dominavam os caminhos, os desfiladeiros de montanhas, o curso dos rios e até mesmo o mar. Os povos, então, constituiram confederações e concertaram alianças. As agrupações humanas, tambem, quando maiores, em vez de disputarem-se os bens da terra, trataram de regular o seu comercio. A comunidade de sentimentos e interesses se espalhou. Houve um momento que Roma se julgou estendida sobre todo o mundo.

Augusto pensou inaugurar a era da paz universal. Enganou-se, ignorante da verdadeira figura da Terra e de suas justas dimensões. Cria erroneamente que o orbis romanus se estendia sobre todo o globo, que o mundo habitado terminava nas montanhas, nas planices e nos rios alcançados pelas aguas romanas: supunha que os germanos e os persos se removiam nos mais apertados confins do Universo. Sabe-se como, com iluzões para todos os latinos, foram de jeração em jeração cruelmente dissipados, e como as hordas barbaras sufocaram e concluíram com a paz romana.

Os barbaros, estabelecidos no Imperio, fundaram atraz de matanças, patrias sangrentas. Tal foi a vida dos povos, na idade media. O estado de guerra era o unico estado possível e tambem o unico concebível. Todas as forças da sociedade não estavam organizadas senão para manter-lo.

O despertar do pensamento com a Renascença, permittiu alguns poucos espiritos conceber relações mais sensatas entre os povos, porem, ao mesmo tempo, o afan de inventar e a sede de saber, proporcionaram ao instinto guerreiro novos alimentos. O descobrimento das Indias occidentais, as expedições á Africa, a navegação do Oceano Pacifico, abriram á ambição dos europeus imensos territorios.

Os honzens brancos disputaram encarnadamente o estermínio das raças vermelha, amarela e negra, entregando-se durante quatro seculos á pillagem das tres grandes partes do mundo, e aprehendendo ao mesmo tempo, durante essa serie ininterrupta de roubos e violencias, a extensão e configuração da terra, e á medida que adiantavam nesse conhecimento, estendiam sua destruição.

Hoje mesmo, os brancos não se comunicam com os amarelos senão para escravizá-los ou mata-los. Os povos que desprezamos por sua barbaria só nos conhecem, no entanto, pelos nossos crimes. Essas navegações, pois, essas expedições, provam um espirito d'avidéz feroz; esses caminhos da Terra e do mar abertos aos conquistadores, aos aventureiros, aos caçadores e traficantes de homens; essas colonizações estermindoras, esse movimento brutal que leva e conduz ainda metade da humanidade das á destruição da outra metade, são condições fatais de um novo progresso na civilização, e os meios terriveis que talvez preparem para um futuro indeterminado: a paz universal. Desta vez é a terra inteira que se encontra dirigida para um estado comparavel, pezar de suas enormes diferenças, ao estado do Imperio Romano de Augusto. A paz romana foi obra da conquista. A paz universal não se realizará, certamente, pelos mesmos meios. Hoje, nenhum imperio pode pretender a hejemonia das terras e dos mares que se estendem pelo globo conhecido e medido. Porém, por serem menos aparentes que o dominio militar e politico, os laços que começam a unir a humanidade não são menos vivos.

A crescente multiplicidade de comunicações, a solidariedade dos mercados, dos financeiros e dos mercados comerciais do Universo, o rapido crescimento do internacionalismo, parecem assegurar para mais tarde ou mais cedo a união de todos os povos de todos os continentes.

Si agora o espirito imperialista dos grandes Estados e as soberbas ambições das nações armadas parecem desmentir estas predições e condenar tais esperanças, vê-se, porém, que na realidade o nacionalismo moderno não é mais do que uma aspiração confusa para uma união mais vasta de intelligenjias e vontades, e que o sonho de uma Inglaterra, de uma Alemanha maiores, de uma America mais estensa, conduz ao sonho de uma humanidade maior e á associação de povos e de raças para a exploração em comum das riquezas da terra.

Haverá, todavia, guerras, e os intintos feroces, unidos á cupidez natural que têm transformado o mundo durante tanto seculos, transtorna-lo-ão ainda.

Até agora as imensas massas humanas que tendem a formar-se, não encontraram seu equilibrio. Não será dado, nem mesmo aos mais jovens de nossos dias, ver separar-se a era das armas: porem esses tempos melhores, que não conheceremos, podemos prever.

Prolongando para o futuro a curva começada, discernimos o estabelecimento de comunicações mais frequentes e perfitas entre todas raças e povos, um sentimento jeral e mais forte de solidariedade humana, a organização metódica do trabalho universal, o estabelecimento, enfim, dos povos unidos do mundo.

Creemos que a paz universal seja possível um dia, não porque os homens se tornem melhores (o que é quimerico esperar), senão porque uma nova ordem de couzas, uma ciencia nova e novas necessidades economicas lhe imporia o estado pacifico, do mesmo modo que em outros tempos as condições de sua existencia o collocavam e mantinham em estado de guerra. Esta esperança, que a razão nos permite, alegra nossos sentimentos de humanidade e fraternidade.

Anatole France.

## 14 DE JULHO

### O festival de amanhã no Teatro do Centro Gallego

O G. T. Cultura Social resolveu comemorar a data da Revolução Franceza, a epopeia sublime do seculo que já lá vai. E para isso, organizou um convidativo festival que será levado a effecto, domingo, 14 do andante, ás 20 horas, no Teatro do Centro Gallego, á rua Visconde do Rio Branco, 53.

Eis o programa:

I  
Dissertação aluziva á data, por Jozé Elias da Silva.

II  
O NATAL DO AVARENTO  
Entreato em verso, do poeta anarquista Blasquez de Pedro. Versão livre do camarada U. d'Avila.

III  
SUBVERSIVAS  
Coi as diversas

IV  
MAGNA ASSEMBLEA  
Parodia á Epidemia de O. Mirbeau. Ato de palpitante actualidade.

V  
SEM PAPAS NA LINGUA  
Escalpejo em 1 ato, ornado de muzica.

Nesta redação vendem-se a 1\$000 os respectivos ingressos.

## Os conservadores e o momento atual

Além das consequencias funestas, tanto morais como materiaes, que a guerra trouxe ao progresso da humanidade, ela tem sido sobre tudo, um ecclente campo á recrudescencia do reacionarismo das classes conservadoras, cujo ciclo o nosso seculo vinha fechando.

A velha aristocracia da Europa occidental ha muito tinha posto de parte os paramentos ezjidos em dias de gala, em receções officias, coisas que a evolução já tinha condenado a um repouzo eterno no fundo dos baús. O catolicismo estava já, mais ou menos, banido das representações officias.

A vida dos reinados que restam, era periclitante: Vitor Manuel II, Afonso XIII, já tinham contados os poucos dias que precediam a sua queda.

O Vaticano emudecia dia para dia, á falta de quem lhe desse tregua. E toda esta tradicional familia apenas tinha como consolo a canoa, que é lugar quente, até que veio a União Sagrada alentar estes espiritos caducos que se iam fanando na decrepitude da sua longa existencia, e ao grito de—uni-vos contra o inimigo comum! — um frémito de alegria aqueceu-lhes as entranhas congeladas, dezer-tepceu-lhes os membros contraídos pela ação do tempo e a luz bruxoleante da sua fé viram-na revivar.

O momento era azado para tentar o ultimo esforço, pondo á prova das contingencias sujeridas pela guerra o «bom» que ainda resta nas suas teorias.

As «classicas» sobrecasacas de novo respiraram o ar saudoso dos seus tempos, e o Papa, chamando a si toda a força do poder Divino, tenta reconciliar as ovelhas que se dividiram em grossa pancadaria. Em vão tem sido os seus acrobaticos jestos diplomaticos, pois que as ovelhas, embora muito crentes na sua divindade, amadas fazem ouvidos de mercador. Então o Papa considerando que seja Satanaz que se tenha introduzido na alma dos fieis, ordena aos seus ministros que digam ezorcismos em todas as succursaes do Papado. Para a cathedra de Rimes, a mais ameaçada pela furia do Diabo, por lá seguiu um selecto numero de ministros, os mais competentes em invocar a graça Divina, mas apesar de ter entoado pelas abobadas da sagrada casa o salmodear de orações e ladainhas especializadas em espurgar as más tentações do Demo, o milagre não se operou e a santa caiu com ruído doalzar em baixo.

O morbus reacionarismo inoculou-se nos meandros da politica atual, apostado em tirar o melhor partido da situação, e apesar da feição politica que caracteriza cada um dos contendores, para ele pouco importa que vença A ou B. Os conservadores apenas sabem que a guerra é uma boa perspectiva ao regresso do passado, e com a sua habil e fina diplomacia jezuitica, infiltram-se por toda a parte, agarrando-se ao globo, pretendendo suster-lhe a rotação para a encaminhar para a direita, como é sua firme convicção que a evolução se faz agora para esse lado.

E a burguezia, essa jente contemporanea que, empalmando o «93», consolidou o seu modo de vida, anos depois, em Versailles, esmagando a Comuna de Paris, essa estafema, sem cor definida, pois que tão depressa é ateista como crê na Providencia, preocupada apenas com a cotação de fundos dos negocios da Bolsa, tanto passa para a esquerda como em seguida vai para a direita, coozante os interesses do seu verdadeiro ideal — a Pança!

Mas — ó loucos! — a vossa esperança é efemera como efemera é a vossa existencia, pois que o Futuro não vos pertence, não.

O Porvir, esse Porvir rizonho cuja luz vivificante tem jerao jeios imortais, que tem sido a fé dos sacrificados, dos ignorados heróis, humildes lutadores que na sua maicria não conseguiram passar ás paginas da Historia, esse Porvir — ó idiotas! — pertence aos que vão pela existencia fora chorando, jemejedo, escravizados desde imemoraveis éras pelos vossos caprichos canibalescos, bestializados pelo trabalho dezanuno a que o sujeito tem outra remuneração do que a de não morrerem com o diagnostico da fome.

A hora que passa é vossa, sim. Aproveitai-a bem, porque nós não queremos dela a minima parcela de responsabilidade. Mas convencei-vos que os vossos esforços são baldados, porque a Hora que se aproxima não é vossa, não pertence ao Papa; não se descobre á porta das igrejas, não frequenta as orjias bacantes, não assiste aos conciliabulos das chancelarias; não é do Kaiser, tão pouco de Wilson, nem pertence a vós outros — funambulos do Ideal!

Folheai o Livro das atas dos vossos crimes de todas as épocas e escolhei o que lá houver de mais belo em hediondez: a a sangria dos massacres com que tendes enodado a Historia, as fogueiras, os autos de fé, os fuzilamentos em massa, as crueldades do Codigo Penal, os absurdos dos vossos preconceitos, dos vossos dogmas, das vossas convicções, de todas as torturas que tendes infligido á humanidade; juntai isso aos crípes desta guerra e por fim barrai tudo com o esterco com que a vossa Moral entulhou o mundo, civilizando as jerações, que nem mesmo assim — ó patetas! — com toda essa escuridão fazeis o eclipse da nossa aurora.

Izidoro Augusto Silva

## Os Ideais

A inutilidade e inferioridade de vida na maioria dos obreiros, consiste em que os mesmos não se sintam animados por um ideal superior.

Suportam com paciência as agruras, as horas intermináveis de tormentos, o perigo mesmo, a troco de que? A troco de tabaco, de um copo de cerveja, um pedaço de pão e enxerga. Está é, na realidade, a razão por que não elevamos monumentos aos obreiros da Metropolitana, embora a nossa cidade se funde sobre seus corações pacientes e sobre seus hombros vigorozos. E ahí está a razão porque, em troca levantamos monumentos a nossos soldados, cujas condições exteriores são muito mais brutais.

Supoi-se simplesmente que os soldados viveram por um ideal, o qual nunca se supoi aos trabalhadores.

Porém, que devemos compreender por um ideal? Podemos dar uma definição ezata desta palavra? Sim, até certo ponto. Um ideal, por ezemplo, deve ser algo concebido intelectualmente, alguma couza que tenhamos consciencia que vae diaote de nós e deve levar consigo aquela sorte de expressão, de lucidez, de elevação que acompanha os feitos intellectuais mais altos. Secundariamente, um ideal deve ter «novidade», ao menos para aquele que o professa. Uma velha rotina é incompatível com a idealidade, si bem o que seja para uns rotina calecida pelo uzo, possa ser para outros novidade ideal. O que quer dizer que nada existe absolutamente ideal, sinão que os ideais são sempre relativos á vida.

O evitar a agua das gotteiras não absorve a minima parte de consciencia dos que estão aqui, e sem embargos, para muitos de nossos irmãos é o ideal que mais lejitimamente os preocupa.

William James.

## A futura administração do C. C.

Com a aproximação da data da reunião da assembléa jeral que escolherá a nova administração do Centro Cosmopolita, ajitam-se as duas correntes em que se divide o Centro, representando cada qual uma tendencia, uma determinada orientação na vida associativa. Todos nós conhecemos perfeitamente o passado do Centro Cosmopolita. Individuos influentes nas suas deliberações, imbuidos de uma educação autoritaria, por longo tempo fizeram da associação um campo de fizeções repugnantes, sacrificando iniciativas aproveitaveis, que surtiam sempre do seio de uma minoria aliva, a qual procurava dar-lhe uma orientação mais ampla. Em dados momentos essa minoria revolucionaria era absorvida pela esmagadora maioria conservadora que apoiada na ignorancia dos que na classe vivem mal, sempre conseguia deluprar os verdadeiros intuitos dos que com sinceridade trabalhavam pela immediata conquista de melhorias para a classe.

A classe não estava acostumada a experimentar as suas forças na luta economica em que o proletariado está empe-



GOLPES DE VISTA

I — As gazetas noticiaram ha dias, com gravura elucidativa e palavras encomiasticas, o caso de mais um patriota nacional que se dispoi a brigar no estrangeiro.

Calisto da Silva Jardim, chama-se o bruto, que ja foi soldado naval por largo tempo, onde celebrou-se pelos seus maus bofes, os quais algumas vezes fizeram-lhe entrar na Detencao.

Os jornais rejistam tudo isso com muita simpatia, dizendo que sao esses brasileiros que sabem honrar e aleventar o nome do Brazil. O sliche que publicaram o — joven patricio — como chamaram, representa um meleque prognata, d'olhar turvo e minaz, que seria logo, nontras condicoes, incluido, por algum reporte analfabeto, na galeria dos tipos lombrozianos.

Naturalmente aquele malandrão não quiz perder oportunidade de dar largas aos seus instintos homicidas, com a grande vantagem de poder abiscitar um pouquinho de gloria, matando honestamente nos campos da civilizada Europa. E agora, o bandido que hontem tazia da barriga alheia hainha de punhais, horrorizando a todos, vai hoje matar com permissoo do governo, no meio dos foguetorios da imprensa embasbaca la.

O's herois burguezes!

II — A reportagem moderna e couza interessante. No afan de cacar o niquelido burguez, satisfazendo-lhe a curiosidade doentia, essa curiosidade dos nulos pelos sucessos escabrosos da cidade, o reporter, e tanto monta a dizer o «jornalista», embarafusta o focinho por quantas fendas se abram d'escandalo, ou acontecimento d'emocao, e vem depois ganir, pelas gazetas, as mizerias que viu ou imaginou.

E tudo p'ra deleite do burguez.

Não ha em tal trabalho, como bem poderiam crer, o mais leve propozito d'instruir, ja pelo ezemplo edificante, ja pelo relato das agruras em que se debate o mundo dos dezerdados. Unicamente para satisfazer a curiosidade imbecil de velhas caducas e cretinos, e que o reporter vai buscar ao fundo das alcovas, dos prostibulos e das prizoas, materia com que enche quotidianamente as columnas dos jornais. Não ha critica nas suas espozicoes, sino o cuidado massimo em apresentar e caso com todos os seus detalhes, e principalmente os mais picantes e sensacionais!

Amigo dos policas, com quem come, bebe e, muita vez, arranja o mulherio, o «caxeiro de fóra do jornal» encobre-lhes as mazelas e nunca poi bem a limpo as infamias insondaveis que praticam, de fórma que as noticias de policia são o que o commissario delinea, e nós vemos todos os dias nas gazetas: infamias, onde são vitimas sempre creaturas indefezas, envolvidas num turbilhão de fatos degradantes, com um aluvião de nomes, rezidencias, jenituras...

O assassinio da rua de S. Jozé, corrido esta semana, foi, então, para os jornais o prato mais querido do «menu» d'epizodios sensacionais, com que pela manhã e pela tarde, lá entram elas pelas cazas a dentro, na «grande missão educativa» da imprensa! O fato foi romantizado de varios modos, segundo a feição literaria do reporter, e illustrado com gravuras da vitima seminua, na alceva onde a polizia a foi topar e a objeiva dos jornais surpreender, até os penicos, que sob o leito, em vão se escondem de tamanha insolencia e desvergonha... Alex.

nhado. Daia aceitação incondicional e sem protelos de todo a sorte de baixezas a que as diretorias vaidozas a submeliam. A reacão era pois uma consequencia natura e impunha-se. E não tardou em aumentar o numero dos individuos que, dissidentes da orientação dos conservadores, se vinham enfileirar ao lado daqueles que se impunham pelo ezemplo, sem regatear sacrificios, na defeza dos interesses coletivos. Fortalecida assim a minoria, não só pelo numero, sino também pelos conhecimentos da luta economica. Finalmente deu-se o inevitavel choque entre as duas correntes. Mediram-se primeiramente as torças. Os conservadores eram maior numero, mas a sua pouca firmeza, a falta de convicção debilitava-os. Os revolucionarios, porém, destemidos e convictos, não recuavam um só passo.

A historia da evolução humana, nestes fatos pequenos, como nos grandes, não pode ser alterada. Ela confirma a vitoria das novas idcas, das tendencias mais acionais,

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

A libertação da mulher, quanto a mim, não deve ser uma questão especial, dentro da libertação humana. Si ela é explorada pelo homem, este o é também pelo seu semelhante. E na ordem capitalista, homem ou mulher valem o mesmo para se explorarem mutuamente.

Jean Grave

Não resta a menor duvida que a mulher contemporanea vai entrando em nova fase de escravização. Enquanto o homem avança na conquista dos seus direitos a mulher se prende cada vez mais na cadeia dos preconceitos. To'os nós outros sabemos que é por meio da mulher e da criança que a burguezia mansamente procura escravizar a humanidade. Isto porque a mulher possui o natural da sedução e os seus sentimentos são mais voltados para as boas açoís, ezercendo assim poderosa influencia sobre o homem, que é o seu complemento. Então a velhaca burguezia que não faz mais do que espreitar as suas conveniencias, leva ao seio da mulher o engano, a mentira, o engodo, a falsa moral conveniente aos seus interesses, que a mulher, por sua vez, inconscientemente transplanta para a familia.

A educação dos pequeninos seres está geralmente entregue á mulher que lhes ministra — ainda em tenra idade — a fé no sobrenatural, que os fanatizará no patriotismo que ha de fazer deles apaixonados e conseguintemente uns egoistas. Falta na maioria das mulheres a cultura filosofica e científica. E não devemos consentir mais que as crianças sejam unicamente educadas sob a tutela da mulher, que é um instrumento docil para a exploração da especie humana. E' mister que cada pai de familia, que cada homem que se interessa pelo bem da humanidade, intervenha na educação dos seus filhos: — instruindo-os racionalmente, educando-os na pratica da verdade e da justiça, inculcando-os o amor á Terra, como um bem natural, e o respeito á liberdade dos seus semelhantes, fazendo desses pequeninos que serão os grandes homens de amanhã, verdadeiros emancipados, para que a coletividade alcance integralmente a felicidade.

Quando me referi á cultura da mulher não olvidei que de fato existem damas de alto saber. Porém este limitado numero se encontra justamente nas classes exploradoras, e que, portanto, só reconhecem o interesse da sua casta para a qual procuram conservarlo. Ainda não ha muito tempo uma escritora, alias um espirito culto, ao apelo que o distinto escritor Jozé Otílica fizera á mulher brasileira para que se instruisse racionalmente afim de obter a sua emancipação, respondeu-lhe ella com um artigo publicado n'«O Imparcial», que ha mulheres brasileiras muito instruidas, e que, destas, podia apontar grande numero que falavam perfeitamente o francez, o inglez, etc. E que muitos homens de sociedade, que são considerados cultos, não sabiam trocar duas palavras na sonora lingua de Balzac, fazendo verdadeiros fiascos nos saloís de Petropolis. Ai está uma prova mais do que evidente da escravização da mulher. Quando uma das mais distintas representantes da intellectualidade feminina escreve um disparate deste quilate, — prova de que não comprehendeu o alcance do artigo — que havemos nós de pensar destas outras mizeras criaturas que vivem prezas aos teares e aos balcoís que não lhes deixam tempo para se instruir?... Saber esta ou aquela lingua não é pozitivamente uma cultura.

A cultura se bazeia nos multiplos conhecimentos humanos. Que adiantará á emancipação da mulher falar um idioma estrangeiro? Que beneficio advirá para uma coletividade de que seus individuos conheçam muitas linguas estrangeiras?... si a questão das infelicidades dos povos se resume na desigualdade economica e desta é que resulta a ignorancia crassa das massas populares... Não nego que o conhecimento de um idioma estrangeiro é de grande utilidade, é indispensavel á intellectualidade, porém, como elemento principal ao intercambio das ideias dos individuos de um paiz com as de outro paiz. E repito que cultura não é o bem saber ler e escrever o vernaculo nem outra qualquer lingua; e sim, do conhecimento das ciencias naturaes e dos fenomenos da evolução da humanidade,

do estudo perfeito da historia geral é que nascerá um espirito esclarecido e emancipado. E esta cultura a mulher brasileira infelizmente não a tem. Ainda na semana transata tive a ocasião de observar como a mulher aqui entre nós encara o problema social. Um companheiro nosso fazia uma brilhante conferencia de alto interesse para ambos os sexos. O salão estava repleto de moças. O conferencista explicava o tema, que era muito instrutivo, com clareza e precisão. Pois bem, algumas mcas conversavam, outras olhavam o orador com alheamento, enquanto, que da parte dos homens o interesse era geral. Porque esta indiferença da mulher por um assunto que se relacionava com os seus interesses, presentes e futuros? Ela também, por ventura, não sofre as mizerias, os vexames, as iniquidades desta organização atual? E' porque lhe faltava a cultura para comprehendem o orador, e por isto não se interessavam. E alias não era um auditorio dos mais incultos. E como deixará o homem de escravizar a mulher si também elle é um escravo? Como deixará o homem de ser um escravo si a mulher não o ajuda nesta obra de emancipação?... E por sua falta de experiencia dá ouvidos a quanto canalha e hipocrita lhe appareça com uma serie de artimanhas.

A todos os escritores, poetas e jornalistas, a todos os homens de bem, a todos os pensadores e homens livr s em geral, faço aqui um sincero apelo para que trabalhem, na medida das nossas forças em prol do alevntamento do espirito da mulher.

Para que ella comprehenda o seu valor na sociedade e se afaste das trévas que a escravizam e infelicitam a todos nós.

Dionizio Garcia

E' delinquente o pensamento?

Es una pregunta que não ouzaria contestar afirmativamente nem mesmo que fosse um homem da estrutura moral e social de Nero.

O pensamento não pode delinquir porque ele se produz por cima e contra a vontade mesma do individuo.

O pensamento é o produto de um choque vibratorio sensorial do mundo organico exterior, que circunda ao individuo, e que ferindo sua emotividade sensorio-nervosa, se firma atrevidamente dum modo espontaneo e irreflexivel, porque o pensamento é a voz feita imagem de um momento real da vida, que firma sua nitidez em uma imagem comparativa por um funcionamento desconhecido.

Os quadros do mundo exterior que ferem os organos visuais do homem, lhe fazem conceber o pensamento da luz, da cor e da reflexão; o quadro de uma desgraça fortuita em que um homem perde sua vida nos faz conceber o pensamento doloroso das cevas angustiosas que se desenrolarão no seio da familia da vitima. Por ezemplo: O quadro de um menino prestes a perecer em um incendio, nos faz conceber o pensamento da dor que vai vir ferir a infeliz mãe, e acucia em nós a ação imediata espontanea, e irreflexiva de nos lançarmos no meio das chamas para o salvar.

O quadro de um homem que tiraniza milhares de homens acucia em nós o pensamento de estermínio do despota que tais crimes comete.

O pensamento é portanto, um produto logico e natural do mundo que nos rodeia ao hocar sua realidade com nossas potencias sensitivas.

O pensamento, portanto, como ação belicosa de nossas faculdades sensorias é irresponsavel de formar concepções atrevidas, majestozamente sublimes, ou atrocemente criminosas, pois são sempre formadas contra mesmo a vontade do individuo.

Denmais o pensamento é o grande motor do mundo, e sem ele não seria possivel formar a imagem da vida racional, e o homem viveria só de necessidades físicas como um irracional.

Essé é o pensamento senhores que em nome d'uma justiça feita dos softismas de baixas leis condena ao homem que o concebe, e que transforma em verbo o pensamento.

E' a ação pujante que classifica as sensações do homem e move sua emotividade, sem permitir que, havendo-o feito a natureza plastica em demazia, se consulte na vibração da sua materia, e sem que tenha outros praseres ou necessidade a mais do que os outros animais.

O pensamento é o tesouro precioso da humanidade, e coibit-o, tiranizol-o ou perseguil-o é o maior dos sacrilejos, e o mais monstruoso dos crimes.

Deixai que o pensamento se espanda e irradie sobre as sombras, e que o possa aproveitar a humanidade ignorante.

Deixai que esse crisol onde se fundem os grandes amores, os grandes heroísmos, as grandes baixezas, tudo em fim que forma a psiquica humana.

Deixai repito que do pensamento surja aquilatada e pura a vida dignificada em o fogo de uma análise livre, ampla e espontanea.

Deixai jirar o pensamento sem tentar arrotal-o no cerebro que o concebe, por temor a cerebros leres, torpes e inanimados que não podem, nem sabem comprender toba a sublimidade, dessa sublime grandesa do pensamento.

MISSIVAS DESTOANTES

ao ABILIO LOBO Intemerato ujetista

Sabes? Não pude conseguir um cantinho na secção operaria d'«A Razão», onde coubessem as «missivas» que te vou dirijir. Nem ao menos para uma noticiazinha em que eu prevenia os leitores da dita secção e os componentes da U. O. C. C. que aguardassem o prezente numero d'«O Cosmopolita». E foi então quando eu pude avaliar de «fato e não por informação», o quanto é conveniente andar com Deus e com o Diabo, ou vice-versa. Percebes? Mas que «macaca», a minha, pois não é? E', sim...

Ouve: — Um dia, não importa quando, preocupei-me contigo, com a tua qualidade de militante operario, bem falante... e predisposto para o que desse e viesse, na luta amarga, mas reconfortadora contra... contra... contra que? Ah! sim, contra... Oh Diabo, lá se me foi a memoria para o «quebra-cangalhas». E, com ella, é claro, seguiu também minha reduzidissima facultade dedutiva.

Sim, preocupei-me contigo. Preocupe-me e irritei-me, a principio. Depois achava-te graça, mesmo muita graça. Porque tu nas tuas meias-horas, és dum graça infinita, dum graça a toda prova... E dum extravagancia que é só tua e muito tua, ou, então, a propriedade privada, é apenas um «sonho de noite má»...

Mas ponhamos o bonde nos trilhos. Lembra-te, por ezemplo, da tua attitude por ocasião da ultima questão das carnes verdes? Has de lembrar-te, como não. Querias tu que a U. O. C. C. enviasse ao prefeito uma mensagem ou droga semelhante, aplaudindo a sua attitude, dele feito. A seguir tiveste outras iniciativas não menos tuas, propriamente tuas e só tuas...

Sempre contestado por aqueles que, si não tinham plena certeza, não deixavam, pelo menos, de ver em ti o que aliás sempre foste, um dileitante, nada menos que um dileitante confesso, definido e apaixonado; sempre contestado, dizia eu, deste o solene estrilo, esperneaste, corcoveaste e...

Bem: abordemos o prezente, mais fresco, mais de memoria e por isso mesmo mais prodigo... Antes, porém, improvizemos um breve «dialogo» à margem da tua pessoa... como militante operario, bem falante etc., etc., etc. e etc. e mais algumas linhas apoz seis estrelinhas.

- E' anarquista?
— Que monstrozidade!
— Socialista?
— Talvez...
— Sindicalista?
— Parece...
— Cooperativista?
— Pode ser...
— Massimalista?
— E' provavel
— Coletivista?
— Si duvido!
— Democrata?
— Quem sabe...
... ou evolucionista-conservador-revolucionario-ortodoxo?
— ???...

Que tal? Quanta futilidade, não te parece? E' que eu fui sempre futil. Belo predicado, não achas? Tu que o digas, meu ezimio aeronauta de balão cativo! Tu que o digas!... E contigo aqueles que formam um sistema planetario de que tu és o Febo ardente e... Estou a divagar em demazia. Puz ha pouco o bonde nos respetivos trilhos fendados e estou a ver que não tardo a fazelo descarrilar de novo.

Ora... Mas espera... Não, o Pimenta já me está a reclamar orijinais para o proximo sabado, quero dizer, para o proximo numero. Tem paciencia, sim? Até... até o proximo numero... Teu nunca coideano

S. Barboza

Deixai que ele se espanda livremente pelo mundo sem que tropece a cada momento com o infame obstaculo dos vossos colligos e das vossas leis, estupidos senhores que rendeis culto á odiosa Astrea.

Deixai o pensamento livre porque ele é que firma os mundos e não pode delinquir.

Jozé Arranz (Tradução)

A carestia

Relativamente ás queixas que partem dos menos favorecidos da sorte, a que mais se deve acen-tuar com toda a razão e a que aliás atualmente serve de assunto em todos os lares, é sem duvida a carestia horrorozta que vamos atravessando, a qual se não fór atalhada quanto antes póde trazer sérias consequencias.

O povo, principalmente o povo trabalhador, já não póde por mais tempo suportar o asficsiante aumento dos preços dos jeneros de primeira necessidade, aqueles que lhe são indispensaveis.

Já não ha para onde se possa esticar mais as desprezas de um lar.

Um operario que outr'ora sustinha a familia com o ordenado approximado de oito mil réis por dia, hoje não lhe chega para o simples café com pão, ao que vergonhozamente está sujeito o homem do trabalho, o homem que produz incessantemente e que vê sucumbir ao pezo da fome a espoza querida e o filho estreme-cido. Realmente não é mentira dizer-se que o povo brasileiro é ordeiro, perfeitamente. E não o fosse que melhor sorte já estaria gozando.

Entretanto essa ordem que é atribuida ao povo brasileiro parece que tende a se acabar porque assim o querem os que podem mas não se querem incomodar com a sorte desse mesmo povo. A sanha dos açambarcadores é cada vez mais assustadora, sem que uma justa providencia seja posta em pratica.

Quando o povo clama, apelam imediatamente para o «estranjeirismo perigozo» — os anarquistas e as patas dos cavalos e as espaldas estão prontas para o primeiro grito. Infelizmente é só com esses elementos que o povo sofre-dor póde contar com certeza, porque além de sofrer não tem direito de gemer. Feliz ou infelizmente o obscuro rabiscador destas linhas é brasileiro—do que não tem orgulho por não conhecer fronteiras — pois é um modesto operario que ganha, onde verte o seu suor, o pão de cada dia.

Ha, não resta duvida, mil promettimentos, mil projectos; mas o que é certo é que o estomago não aceita promessas nem vive de projetos; por conseguinte o estado de couzas que atravessamos precisa sofrer uma transformação imediata, eficaz para que não cheguemos a asficsia torturante para qual nos encaminha a prezente situação.

O governo tem meios para melhorar a situação do seu povo e deve quanto antes po-los em pratica, pois já não é mais possivel a subsistencia do pobre.

Antonio Morgado.

«O COSMOPOLITA»

O COSMOPOLITA para viver precisa do concurso de todos os seus amigos.

A assinatura paga pontualmente o aussilio mais eficaz que lhe podem prestar. Assinatura anual: 5\$000

Para mim a republica é ainda poder e tirania. Si a idéa de contrato social estivesse bem determinada não só não deixaria de pé a monarchia como também a republica.

Pi y Margall.

O NATAL DE UM AVARENTO

Por BLASQUEZ DE PEDRO

Tradução de U. d'Arilla.

A scena representará uma habitação miseravel, sem outrosmo veis que uma meza e uma cadeira velhas, e um forte armario com saquinhos de dinheiro.

Que frio horrivel rói minha pele e as entranhas!

Pena e dezoção, eis minha vida infesta!

Que atrozes sofrimentos!

Oh! que caza sombria!

Quanta angustia e tristeza!

No mais arido e sujo e afastado rincão

Deste infeliz planeta,

Não ha por certo um ser

Tão perverso e corrupto, indigno e miseravel

Como eu,

E que como eu tanto padeça!

Ninguém ha que tão só, tão reles e abatido

Se encontre nesta noite de Natal,

A noite mais escura em minha vida obscura,

De meu viver rasteiro a noite mais infame!

De que me serce ter aferrolhadas

Tantas riquezas,

Si estou só neste mundo, afastado dos homens,

E não ha quem me queira?

Se não tenho uma esposa, um filho, um só parente,

Um amigo sequer, que afeto por mim sinto

E de meu frio peito encha o vazio profundo,

Sentando-se á minha meza

Acomenos esta noite,

Noite em que toda gente se reúne

E todos se delectam, se divertem?

O mendigo, mais pobre, andrajoso, famelico

Poderá ver calmadas suas dores,

Do que eu será mais rico,

Pezar de sua miseria;

Si lhe falta dinheiro

Com que comprar vestuários,

Palacios, carruajens, joias,

Jantares succulentos, saborozos,

Talvez tenha um parente, amigo, ou companheiro

De andrajos e de piraçóts,

Com quem passar a noite em torno ao lume vivo,

Fulgent no negror de seu estreito abrigo;

Com quem disfrute as sobras, as migalhas

Que os poderozos dão ventozas, altivamente,

Fruí mais riquezas que eu

A candida rameira

Que em meio a seus tormentos incantáveis

Entre companheiros se encontra

Repartindo-se os rizes e infortunios;

Que de algum modo a confortam,

Que de algum modo a consolam!

São muito mais felizes

Que eu

Os hotentotes, os sapos e as hienas

Os tygres e os chacais

E tantas outras bestas

Que habitam nos recessos mais profundos

Das florestas bravias,

Pois nunca vivem sós, o calor sempre gozam,

De um amorozo par, da respectiva especie.

Nada me tem valido, ou valem meus thezouros

E só de me lembrar como os acumulo

Eu me envergonho e soffro horrivelmete!

Com eles não se obtém de pronto uma familia,

Forças, ventura e amor com eles não se compram

Que o amor foi sempre e será sempre

Inimigo do deve-haver.

Com eles nenhum bem assegurar-se pode

Nem se atenia o mal, ao contrario se agrava.

Nem um criado ao menos

Com quem passar a noite...

Todos fazem de mim, ninguém de mim se acerca!

Maldito uma e mil vezes

Despotico dinheiro!

Ladrão de minhas alegrias

Maldito sempre sejas!

Do que maneira vil, por ir-te accumulando,

Gastei a minha mais bela idade!

(Apanha um punhado de moedas e atira-o ao chão)

De que modo perdi afetos e repouzo

Saúde e independencia

Por ser sempre teu serco, atento guarda; alerta,

De minha imunda e vil gaveta!

Meus brios e ibzóis lecos, dia após dia,

A iniqua e degradante e lugubre tarefa

De ver-te e ouvir-te o som, juntar-te e esparramar-te

Contar-te e recantar-te, em louca obstinação,

Guardando-te de novo

Com mimos e carinhos

Afim de volver breve a tão penosa festa;

Enquanto homens geniais, puros, laboriozos,

Que estudam e produzem,

Que sentem, amam, pensam dignamente, Minados pela fome e o frio e o esforço herculeo Após torturas barbaras, Acaso pereceram!

O ezemplo da U. C. C.

Bases de acordo, aprovadas nas assembleias de 5 e 12 de junho

PRELIMINAR

A União dos Operarios em Construção Civil tendo por objectivo primordial a emancipação moral, economica e social dos que se occupam no não: a simplificação da solidarie dade humana e a mais estensivo estreito

PONTO PRIMEIRO

- Melhoramento das condições de trabalho. Indenização por acidente no trabalho. Colocação para os sem trabalho. Educação racionalista. Instrução profissional. Auxilio moral ou material.

PONTO SEGUNDO

- Para ser socio desta União é preciso: a) Contribuir mensalmente com a quantia de 1\$000 e mais 1\$000 em troca de uma carteira profissional; b) Não ser empregado, nem estar ligado a qualquer interesse patronal.

PONTO TERCEIRO

- Serão aclamados semestralmente em assembleia geral 5 companheiros que constituirão uma comissão executiva cujas funções serão apenas executivas e nunca de motu proprio, a não ser em casos essecionais ou de somenes importancia. Esses 5 companheiros occuparão os cargos de: Secretario geral, 1.º e 2.º Secretarios, Tezoureiro e Bibliotecario-arquivista, e terão as seguintes atribuições: Secretario geral: Redijir e firmar toda a correspondencia do União, da qual guardará minuciosas relações. Redijir todos os relatorios da comissão executiva a serem apresentados.

- 1.º Secretario: Organizar o espediente de todas as reuniões, secretariando-as e dando execução aos demais atos que derivem da comissão executiva e das assembleias. Encarrega-se de todo o serviço de imprensa. 2.º Secretario: Secretariar todas as reuniões e redijir as respectivas atas, auxilliar e substituir o 1.º Secretario. Tezoureiro: Despachar todo o serviço que se prenda a tezouraria. Bibliotecario-arquivista: Executar todo o serviço que se prenda a biblioteca social, empregando o massimo esforço para o seu engrandecimento e ter sob sua guarda todos os moveis e utensilios da União, assim como todo o serviço do arquivamento de papeis, documentos, etc., dos quais fará clara relação para apresentar aos respectivos substitutos.

3.º - Finda a sua missão, a comissão executiva entregará á sua sucessora uma relação completa de todo movimento durante a sua estada, volumes, moveis, etc. 4.º - A comissão executiva aficará mensalmente num quadro, um balancete de entradas e saídas. PONTO QUARTO 1.º - A União dos Operarios em Construção Civil nomeará anualmente dois delegados junto a União Jeral dos trabalhadores do Rio de Janeiro. 2.º - Em cada obra ou officina, será nomeado um companheiro representante em cada classe com as atribuições de cobrança e fiscalização. PONTO QUINTO No caso de que as classes que compõem a União dos Operarios em Construção Civil se organizem em sindicatos autônomos, esta nomeará para dar lugar a Federação da Construção Civil, a qual serão confiados todos os respectivos haveres desta União. PONTO SEXTO Este regulamento que se encontra em mãos da comissão, quanto esta nunca superior a mil cópias, será levado o dinheiro da mesma será colocado onde a assembleia o determinar. PONTO SETIMO A União dos Operarios em Construção Civil mantém em titula o cargo de presidente. As successões desta União vigorarão sob as seguintes bases. Em caso de dissolução desta União, todo o seu espediente será entregue aos cuidados da União Jeral dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

U. J. dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Secretaria: Acre, 19

SÉDES DOS SINDICATOS ADERENTES

União dos O. em Fabricas de Tecidos - Rua Acre, 19. Telefone C. 5754.

Sindicato dos Operarios das Pedreiras - Praça Tiradentes, 71.

União dos Metalurgicos - Rua Teofilo Otoni, 81.

União dos Officiais Barbeiros - Largo do Rozario, 34.

Sindicato do Entalhadores - Rua do Senado, 215.

União dos Operarios em Calçados - Rua da Constituição, 21.

- União dos Alfaiates - Rua da Alfândega, 182. União da Construção Civil - Rua Gomes Carneiro, 14. Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas - Rua do Senado, 215. Liga Federal dos Empregados em Padaria - Praça Tiradentes, 71. Centro dos Operarios Marmoristas - Praça Tiradentes, 71. Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabacos - Praça Tiradentes, 71. Centro Cosmopolita - Rua do Senado, 215. Telefone C. 1499. União dos Chapeleiros - Praça Tiradentes, 71. União dos Maquinistas em Serraria, Marcenaria e Carpintaria - Praça Tiradentes, 71.

CAFÉ E BILHARES MINISTRO

Perfecto Gonzalez

Arcos, 24

TELEFONE C. 2462

Aberto até 1 hora da noite

Operarios: - adquiri o quanto antes ou mais ações do jornal para trabalhadores que vai ser dado á publicada de nest Capital.

Companheiros!

Subscrevei o emprestimo lançado pelo Centro Cosmopolita.

Precizamos honrar a confiança que nos depositaram as associações co-irmãs.

Cada ação custa 10\$

Folhetim Henri Béraud

A ação de um Fantasma

O Responsavel pela Grande Guerra

Traduzido para o COSMOPOLITA por Vicente de Miranda Reis

CAPITULO III

Em que os espirítistas, os padres da Igreja e a opinião universal serão confundidos

Fui eu que quiz a guerra. Quando digo: eu, entenda-se: o meu fantasma. E se quiz que milhões de homens se decapitassem, se lardassem, se extrissem, se estomassem mutuamente. E foi feita a minha vontade. A guerra é obra minha. Não me constranje em absoluto publicalo, no que difiro de varias altas personagens que ha tres anos não cessam de proclamar-se inocentes do sangue vertido. Esta balda de se dizerem pacifistas, enquanto não cessam de disparar o canhão, é preciso que se diga, de modã nova entre os governantes. Dantes não se faziam tantas ceremonias. Quando um chefe de mão pô coibia o rebanhos, as carruajens, as virgens e os ôdres do vizinho, tratava logo de pô-lhes a mão em cima, as escancaras, sem embajes nem dissimulações. Hoje, não. Todos cobiam a propriedade alheia, mas ninguém se permite confessal-o.

O protesto é geral. A galera, porém, já firmou a sua opinião. Ela acuzo o mais protestante de todos, um tal Guilherme II rei da Prussia e imperador da Alemanha. De facto, este monarca tem as apparencias a depór contra ele. Condemnam-no á fé de livros policromos, escritos por estilistas poliglotas e editados por editores politicos. Estes livros impõem-se, criam autoridade, bem que o livro amarelo contradiga o branco, este denuncia o importuno do azul, que está por sua vez tão errado, parece, quanto o livro pardo ou o alaranjado... Mas as pessoas que sabem ler, opinaram pelo meio termo. E este termo medio é incontestavelmente desfavoravel a Guilherme II. Está lavrada a sentença, afirmativa sobre todos os pontos sem circunstancias atenuantes. Durante o julgamento o condemnado recalcitrou: «Perante Deus em juro que não quiz esta guerra!» Como Lesorques, apela para a posteridade. Esteréis e vãs seriam porém suas adjurações si eu, tomando-me de tardio zelo de justiça, não me houvesse decidido a escrever estas memorias, onde, humanidade saberá com espanto a verdade sobre as oriens da imensa catastrophe. Cidadãos de todos os paizes e matizes, desde os suditos do Reino-Unido aos canibais do Kikibekiko, grave erro historico iries cometer, si eu não vos falasso a tempo! Assassinais um justo na mata virgem da vossa ignorancia! Querendo lograr á Europa, o acuzado é ele proprio, vitima de um logro. No fundo de sua alma ele peusa de certo que foi ele que quiz a guerra. Pobre homem! Saibam todos, de uma vez para sempre: o sangue alaga as planicies, as cidades ardem em chamas, os pobres soffem a fome, apenas porque o fantasma de um insignificante locatario da rua Conlincourt assim decidira. Guilherme foi apenas a luva. Mas a mão criminoza foi eu!

Faz-se aqui necessario completar as minhas precedentes revelações a respeito desta facilidade - até aqui ignorada dos homens - qual é a que permite aos fantasmas habitar personagens vivos. No estado comum, quando seguem o curso de sua turva existencia, os fantasmas não colhem beneficio algum desta estranha faculdade. Os nossos espiritos esturdios vejetam sem destino num mundo que a intelligencia humana não poderia conceber, do mesmo modo que não pode fazer idéa do reino mercurial que forniga sob os mares, sobrepondo-se por seu turno, a macrocosmos ainda mais inesplováveis. Ora, nesse mundo estranho aos sentidos humanos, os espétros pairam, pairam presa de desolada ociosidade de que só conseguem sair graças ás praticas dos «mediuns». Não ha razão para não crer nos espirítistas. Eles obtêm resultados. O que ha é que não são os que eles pretendem. Com effeito, quando uma assembleia invoca um de nós com o fim de constrengê-lo a manifestar-se num pé de mesa, quando um imbecil fazedor de milagres ajita os braços e revira os olhos na esperança de materializar a alma de seu defunto avô, acontece que o espectro interpellado acha subitamente a fenda que, por falta d'orgãos de direcção, ele em vão procurava, esta porta pela qual ele pôde tornar á existencia dos homens. Cessando de errar no espaço, onde o tedio o consome, apressa-se a confundir-se na vida terrestre. Não é porém sobre a forma de bolas gazozas, de fumos que se esgarçam, de luzes tenues ou qualquer outra fantasmagoria para uso de candomblés, que ele penetra na vida. Os espétros que voltam, instalam-se muito simplesmente no cerebro desprevenido de um assistente, hombro a hombro, se me permitem, com o espirito que já ahí se acha, o qual, em virtude da hiperlucidez do novo hospede, vê-se immediatamente dominado. O individuo habilitado já não ajirá d'orante senão pela vontade do espéto. Come-

terá então as acções mais generozas, mais atrozes, mais sabias e mais «lonfoque» bem que possa e quer suspirar a falencia de seu pobre entendimento. Acontece que os espétros conduzem seus fontes a um convento, a um tribunal, ás fontes do Orenoco, ao polo sul, aos logares enfim mais diversos, menos confortaveis e mais mal frequentados. Os amadores do maravilhoso, de espirito ordinariamente optimista e absoluto, já estarão a louvar sem limites um poder que se sentem tentados a conformar com as suas proprias imaginações. Pobres de nós! nós, fantasmas, não somos fadas. Si nossa condição permite que nos intinemos no corpo alheio, á imitação do cuco, que, ao que dizem, instala-se na casa do melro, não temos, como esse importuno, a aculdade de nos retirarmos quando bem nos pareça. Os espétros em função são submetidos a todas as especies de constrengimentos. E o peor é o que os obriga a ficar no interior do cavalleiro que escolheram até que nova sessão de taumaturgia lhes permita a evasão. Ai do fantasma ignorante ou estouvado que numa reunião espirítista escolhe um assistente que lá foi por mero acaso e que não voltará. Ficará preso, o desventurado, como canario em gaiola, até á morte d'aquelle que em vida o carregou. Ha no mundo milhares de irmãos meus que soffem essa cruel escravidão. São os chamados anjos da guarda pelas pessoas imbuidas de fé christã. Os espétros não tem livre arbitrio. Faltalhes a finura da censura, da critica mental, que é a grande maravilha do espirito humano. O que eles pensam é logo ordenado e posto em acção. O mais absurdo capricho, a idéa mais tola, a mais criminoza vontade exprimem-se sem detença pelos actos do inditozo porta-fantasma, sem que força alguma possa tolher-lhe a mão, fechar-lhe o bico, atazar-lhe a marcha ou violenta o que ele chama o seu «eu pensante».

Queiram tomar nota deste detalhe. Salvar-me-á do opprobrio e fará que se dijira a minha historia. Havia já um mez que o meu espirito vagabundava no imenso e silencio infinito, preso desse marasmo que se poderia chamar a naurasthenia dos fantasmas. A multidão vaporosa e enfadoza dos meus colegas errava em torno de mim. O mundo da morte assemelhava-se singularmente ao antigo Erebo do poeta cego. Uma porção de seres sonolentos, assustados e pueris levavam, sem envelhecerem, uma vida insipida. Conhecia alguns deles: um espirito que dava pelo nome de Ptor e, apesar de maniaco, era de comercio bastante agradável; outro, polaco, que não tinha nome, fértil em recordações terrestres. Tinha tambem a honra de privar com o fantasma de M. Thiers, que, coisa incrível, era animação de veledades subersivas. Meu companheiro inseparavel era um vell o espéto desconchado, Binet chamado, morto em Mothouçou no 1834. A eternidade pesava-lhe; após mil experiencias, perderá até o dezejo de se reencarnar. Todavia sem seticismo não ia ao ponto de descorçoar os recém-mortos. Não. Ao envez disso, induzia-me a tentar o lance e dava-me conselhos. Quanto a mim, (será preciso dizel-o?) ardia-me o dezejo de ouvir vozes humanas e meter-me nos negocios deste mundo. Mas o acaso frustrava os meus desejos. As experiencias de palmingezia que se realizaram nessa epoca eram feitas por mediuns inespertos. Apesar de meus esforços, não pude tomar pé, se me permittem a apressão no corpo de um homem. (Continúa).

# Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas  
**Polar,  
Cascatinha,  
Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na  
propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente  
de José Vasquez Ferro  
Rua Visconde do Rio  
Branco 30



**CARIBALDI**  
Pitresco parc ao ar  
livre  
(Entrada pela rua da Consti-  
tução 53)  
TELEPHONE C. 1673  
Rio de Janeiro

## Café e Bilhares do Campo

Casa especial em café, chocolate, leite de  
Minas, mingaus, goinadas e ceias  
ABERTO ATE' A' 11 HORAS DA NOITE

**José Antonio de Azevedo**  
**R. Frei Caneca, 1**

Canto da Praça da Republica e esquina da  
Rua Barão do Rio Branco  
TELEPHONE: C. 3750  
RIO DE JANEIRO

## NÃO HA DUVIDA que é na CASCATA DO MINHO

a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do  
Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a pre-  
ços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...

RUA DO LAVRADIO, 11 - Telephone C. 4725

# "Casa Rist"

Deposito excludivo de productos  
nacionaes

## VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

**BEBAM**

# CAXAMBÚ

**A soberana das  
Aguas de Meza**

**RIO DÃO** O vinho de meza  
preferido

IMPORTADORES

**J Ferreira & C.**

**Cerveja Park Bier. Estomacal  
e nutritiva  
PRAÇA TIRADENTES, 27**

**CASA TIM-TIM POR TIM-TIM**

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA  
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229  
RIO DE JANEIRO

**DURAN & BARBOSA**

**BEBAM**

# SALUTARIS

**A Rainha das**

**Aguas de Mez**

Solidarios com os companheiros da Associação de Resistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, na  
luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, sus-  
pendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma  
centena de trabalhadores, por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste ezemplo de  
Jeslealdade e tração á cauza proletaria. Os empregados de hoteis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem  
conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclmação dos seus empregados  
Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços a mais estreita afinidade e sentimentos e de interesses porque  
como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios  
ociozos que nada porduziu em beneficio da humanidade, uzufruem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalia á Brahma, não  
vendamos os seus productos!

